



# Apresentação

---

**E**ste ano, que já seria desafiador, ficou ainda mais insólito: ainda nos estertores da pandemia (será?!), eis que temos uma guerra entre nós. Não há trégua. Haverá tempo para a cultura, como visitar a Semana de Arte Moderna de 1922? Haverá tempo para se discutir o legado da proclamação da independência do Brasil em 1822? Tantos fatos, tantos feitos, quantos charizes para eventos de ideias e artes, e as ideias e artes parecem em último plano, desde 2019.

Desde a capa de nossa revista seguimos nas trincheiras da sobrevivência da produção estética e intelectual. Resistimos. Neste ano de 2022, as capas das revistas serão homenagens a artistas visuais mulheres brasileiras. Começamos com Anita Malfatti (1889-1964). Integrando o Grupo dos Cinco (ela, Tarsila do Amaral, Menotti del Picchia, Mário de Andrade e Oswald de Andrade), participou ativamente na atualização estética da época. No quadro escolhido para a capa deste número de Revista Dramaturgias, “Samba”, de 1945, temos um óleo sobre tela, temos pinceladas rápidas de uma roda de samba. Mas que definir em detalhes as figuras, temos o todo, o som e a cor envolvendo os participantes da festa. A pintura integra o ciclo Paisagem, a partir de temas da arte popular brasileira, cenas da vida não urbana, flashes de arte popular brasileira. Os jogos entre sons e imagens visuais amplificam os efeitos multisensoriais da obra.

Esses ideais plurais encontram-se também no conjunto de textos selecionados pelos professores Pedro Ipiranga Jr., Bernardo Brandão, Renata Senna Garraffoni, Walter Lima Torres Neto para compor o dossiê “Performance nas artes dramáticas, nas artes visuais e na música”, realizado no âmbito do IX Simpósio Antigos e Modernos: *Teatro, performances e formas de dramaticidade*, pelo grupo de pesquisa da UFPR “Encruzilhadas narrativas: discursos biográficos, história e literatura.” Meus agradecimentos aos colegas organizadores do evento realizado em 2020 de modo online. Inter cruzando não só diversas artes quanto diversas metodologias de pesquisa, temos uma diversidade de

textos e investigações que aproximam os mais variados suportes na rediscussão de atos performativos. As imagens de Anita Malfatti reverberam para além de seu moldura.

Em seguida, no lugar da seção Documenta, temos o registro de inquietações provocadas pelo seminário “Sons em Performance”, ministrado igualmente de modo remoto em 2021. Este seminário integrou os Programas de Pós Graduação em Artes Cênicas e Metafísica da Universidade de Brasília. Para tanto, tivemos a interação entre o integrantes dividida em duas partes: na primeira parte, preparatória foram discutidos textos e autores envolvidos nas interfaces entre som, performance e conceptualização de eventos audiofocais. Os tópicos do programa do seminário:

- 1) O caso Maxixe: Controle Estético-Social dos Sons em Performance
- 2) O Caso Damon de Atenas: Platão e a axiologia dos ritmos
- 3) O caso Hanslick vs Wagnerianos: o puramente musical
- 4) Adorno e Eisler: Por uma dramaturgia sonora
- 5) Som e mediação tecnológica: Kittler and Ihde

Na segunda parte, seguiu-se uma orientação e acompanhamento de elaboração de textos a partir dos interesses dos integrantes do seminário. Agradeço a todos que participaram dos encontros via plataforma Zoom, espalhados por diversas cidades do país. Agradeço ao colega e companheiro de todas as horas Marcello Amalfi que compartilhou seu tempo e habilidades ao dividir as aulas comigo.

E é do multicapacitado compositor e pesquisador Marcello Amalfi o impulso inicial para a sessão seguinte da revista: iniciamos aqui a publicação de sua tradução da obra *Composing for Films*, de Theodor Adorno e Hanns Eisler. Na mesma sessão contamos ainda com as traduções de *Cadio*, de George Sand, traduzido por nosso recorrente colaborador Carlos Alberto da Fonseca, e ainda um experimento acadêmico e estético de Ordep Serra, que realizou uma interpretação cênica para os textos em torno da figura de Gilgamesh.

Ainda há tempo para as provocativas análises e sugestões de A.P.David quanto às possibilidades de se ler e reconstruir a musicalidade do verso e da performance de Homero.

Enfim, enquanto o mundo explode temos outras irrupções, mais geniais e generosas.

Que venha 2022!

Brasília, 08 de março de 2022.

### **Marcus Mota**

Professor Titular do Instituto de Artes da Universidade de Brasília  
Coordenador do Laboratório de Dramaturgia